

## **Caminhos de um mal estar de civilização: reflexões intelectuais norte-americanas para pensar a democracia e o negro no Brasil\***

*Elizabeth Cancelli*  
*Dep. de História - USP*

Este trabalho tem como objetivo buscar eixos de reflexão acontecidos nos Estados Unidos e que foram importantes para repensar a questão da democracia e da cultura no Brasil, especialmente no que diz respeito à inclusão social do negro e à construção de uma identidade brasileira. Assim, as releituras ocorridas no Sul norte-americano nas primeiras décadas do séc. XX e o encorajamento para a redefinição da democracia, ocorridos no auge da Guerra Fria e da *Cultural War*, serão contemplados para a recuperação de vertentes importantes do pensamento brasileiro e sua inserção neste “mal estar de civilização”.

Some intellectual movements that took place in the United States were very important to think democracy and culture in Brazil. This is especially true when we relate them to racism and to the so-called Brazilian identity. In this article we pay attention to what was been sought by Southern American intellectuals at the begging of the 20th Century which will be explained in what follows, as well as to the new definition of democracy and to that of Cultural War, relating all these questions to important trends of Brazilian intellectual thought.

Cultura, racismo, Guerra Fria  
Culture, racism, Col War

Em 1961, sob orientação de Florestan Fernandes (1920-1995), Fernando Henrique Cardoso (1931) defendeu sua tese de doutorado em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP).

Fruto de um trabalho de pesquisa que vinha sendo desenvolvido por um conjunto maior de pesquisadores, a tese de Cardoso somava-se ao trabalho de outro orientando de Florestan Fernandes, Otávio Ianni (1926-2004), cujas teses de mestrado (*Raça e mobilidade social em Florianópolis*) e de doutorado (*O negro da sociedades de castas*) foram defendidas em 1956 e 1961. Ianni e Cardoso seguiam os passos e a orientação de Florestan Fernandes, que havia publicado, juntamente com Roger Bastide, *Branços e negros em São Paulo*, no ano de 1958.

Os estudos de todos eles eram resultantes das pesquisas do que coube à Universidade de São Paulo desenvolver sobre as relações raciais no Brasil, especificamente nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Projeto financiado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

(Unesco), nos anos de 1951 e 1952<sup>1</sup>, a fração sob a responsabilidade da USP<sup>2</sup> foi coordenada justamente por Roger Bastide (1898-1974) e Florestan Fernandes<sup>3</sup>.

O estudo de Fernando Henrique Cardoso fazia parte de uma série de trabalhos<sup>4</sup>, inclusive o que desenvolvera conjuntamente com Otávio Ianni (*Cor e Mobilidade Social em Florianópolis: aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil meridional*), publicado em 1960<sup>5</sup>, e cujo prefácio Florestan Fernandes concluíra em dezembro de 1959. Como diria Otávio Ianni, todos eles pressupunham que “o preconceito racial no Brasil é um dado fundamental das relações sociais”<sup>6</sup>.

Nesta trilha que se seguiria a desmistificar a **democracia racial brasileira**, o trabalho de Fernando Henrique, *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*, procurava, como ele próprio alega, contrapor-se à “mistificação sociológica que abrandava os efeitos negativos do patriarcalismo escravista e insistia na existência(...) de uma democracia racial”<sup>7</sup>. Em outras palavras, contrapunha-se às interpretações ao estilo das de Gilberto Freyre (1900-1987) sobre a história, a cultura, a evolução e as propostas de Brasil das quais o intelectual pernambucano se tornaria o maior expoente. Teses que Freyre expunha sistematicamente em seu livros, cujo maior sucesso seria *Casa Grande e Senzala*, publicado, pela primeira vez, em 1933, e já em sua quinquagésima edição no ano de 2005, desta vez com uma apresentação do próprio Cardoso<sup>8</sup>, passaram a ser sistematicamente refutadas pelo grupo da USP.

Os núcleos centrais do trabalho de Fernando Henrique Cardoso – para as finalidades que aqui nos interessam - podem ser assim resumidos:

---

\* Este artigo contou com financiamento do CNPq e da Fapesp. Foi Carlos Henrique Romão de Siqueira, quando ainda fazia sua tese *A alegoria patriarcal: escravidão, raça e nação nos Estados Unidos e no Brasil*, defendida na UnB, em 2007, quem chamou minha atenção para a aproximação de Gilberto Freyre com os *Agrarians*, como teremos oportunidade de ver a seguir. A Carlos Henrique devo meus agradecimentos.

<sup>1</sup> O projeto foi idealizado por Arthur Ramos, quando este era Diretor do Departamento de Ciências Sociais da Unesco, em 1949. Teve sua aprovação em junho de 1950, na 5ª sessão da Conferência Geral da Unesco, realizada em Florença, de acordo com as preocupações do Pós-guerra com os problemas relativos à pobreza e às questões raciais. Cf.: MAIO, Marcos Chor. O projeto Unesco e a agenda das Ciências Sociais no Brasil nos anos 40 e 50. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 14, n. 41. São Paulo, out. 1999. [www.sieco.br.ph?pid](http://www.sieco.br.ph?pid), em 13 de junho de 2007.

<sup>2</sup> Além de São Paulo, equipes de três outros estados realizaram pesquisas sobre ao tema: Rio de Janeiro (Costa Pinto, 1920-2002), Pernambuco (Gilberto Freyre) e Bahia (Thales de Azevedo, 1904-1995).

<sup>3</sup> *Rev. Antropol.* v. 46 n.2 São Paulo 2003. Pessoa e instituição - entrevista com João Baptista Borges Pereira. In: [www.scielo.br/scielo.php](http://www.scielo.br/scielo.php), em 12 de junho de 2007.

<sup>4</sup> Deve-se distinguir os de Oracy Nogueira (1917-1996), Virgínia Leone Bicudo (1915-2003) e Anielia Ginsberg (1902-1986).

<sup>5</sup> Neste estudo o INEP e a Capes também participaram do financiamento de pesquisa.

<sup>6</sup> IANNI, Otávio. Otávio Ianni: o preconceito racial no Brasil (entrevista). *Estudos Avançados*. vol. 18 no. 50. São Paulo 2004. [www.scielo.br/scielo.php](http://www.scielo.br/scielo.php), acesso em 14 de junho de 2007.

<sup>7</sup> CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2033. Prefácio à quinta edição, p. 10.

<sup>8</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo, Editora Global, 2005.

- 1- a escravidão foi um processo que produziu a dupla alienação: a de senhores e a de escravos;
- 2- os padrões estruturais garantem a compreensão da assimetria das posições dos grupos raciais<sup>9</sup>;
- 3- foram relações de produção que se caracterizaram como “relações de violência e de alienação mantida(s) pelos efeitos da violência” que estavam presentes na escravidão<sup>10</sup>;
- 4- houve “impraticabilidade de o capitalismo expandir-se além de certos limites através da escravidão”<sup>11</sup>;
- 5- os efeitos sobre “o comportamento do negro livre exercidos pela escravidão e pelas representações dos bancos sobre os escravos (a socialização parcial do escravo, as expectativas assimétricas nas relações entre brancos e negros etc., resultando na anomia e na desmoralização do grupo negro)” levaram apenas a uma espécie de “consciência possível” do negro<sup>12</sup>;
- 6- a tese da democracia racial esta baseada em uma reconstrução idílica do passado<sup>13</sup>,
- 7- a escravidão foi um sistema autocrático pervertido, de apelo ao arbítrio e à força bruta<sup>14</sup>;
- 8- “a imagem do escravo como objeto e a heteronímia na ação que os dominadores impõem aos dominados no regime escravocrata são obtidas pela coação aberta e contínua e pela socialização do escravo para suportar o exercício da violência”<sup>15</sup>;
- 9- “o escravo torna-se um ser parcial, capaz apenas de executar as formas mais rudes de trabalho” e, enquanto os senhores os representavam apenas como instrumentos de produção, os escravos “autorepresentavam-se como seres incapazes de comportar-se como homens livres”<sup>16</sup>;
- 10- Após a escravidão, “a massa dos ex-escravos despreparada socialmente e culturalmente (...) à qualidade de cidadão” (...) ajustou-se passivamente”<sup>17</sup> e aceitou a “existência de desigualdades sociais, expressas sob a forma de desigualdades naturais. A maior parte dos negros ratificou essa situação pela aceitação do “ideal de branqueamento”. Já os escravos ligados ao artesanato urbano ou à escravidão doméstica que puderam beneficiar-se de melhores condições materiais e morais de existência, formularam uma “ideologia da negritude”<sup>18</sup>; um “racismo anti-racista”<sup>19</sup>.

---

<sup>9</sup> Idem, ibidem. Cap II, p. 107

<sup>10</sup> Idem, ibidem. Introdução, p. 41.

<sup>11</sup> Idem, ibidem. p. 43.

<sup>12</sup> Idem, ibidem. p. 44.

<sup>13</sup> Idem, ibidem. P. 108

<sup>14</sup> Idem, ibidem. p. 109

<sup>15</sup> Idem, ibidem. p. 351

<sup>16</sup> Idem, ibidem. p. 351

<sup>17</sup> Idem, ibidem. p. 353

<sup>18</sup> Idem, ibidem. p. 354

<sup>19</sup> Idem, ibidem. p. 332

Estes pontos-chaves, encontrados em *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional*, estavam assentados nas premissas do trabalho de Florestan Fernandes que procurava fusionar uma perspectiva histórica a uma perspectiva estrutural-funcional<sup>20</sup>, no que ele chamava de uma **sociedade de classes em formação**. Esta “sociedade emergente”, “competitiva”, parte da “civilização industrial”, lançava “suas raízes no anterior sistema de castas e estamentos”, mas esta modernização não possuía bastante força para expurgar-lhe os hábitos, padrões de comportamento e funções sociais institucionalizadas”<sup>21</sup>.

Neste período de pós Segunda Guerra Mundial, quando se realizou a pesquisa da Unesco, bastante abalados com as críticas de esquerda a uma sociedade – ou civilização – que se dizia democrática, mas que conservava várias formas de racismo, inclusive a segregação, os Estados Unidos investiam pesadamente nos estudos sobre os problemas raciais<sup>22</sup>. O ponto central era demonstrar que, mesmo assumindo que a questão racial nos Estados Unidos era complexa e que existia discriminação e segregação, o sistema democrático possibilitava a resolução de problemas. Do ponto de vista interno, acreditava-se que superar a questão racial era fundamental para enfrentar a luta contra o comunismo e suas armas de propaganda<sup>23</sup>.

Já em 1949, quando Arthur Schlesinger (1917-2007)<sup>24</sup> lançava seu livro, *The Vital Center*, o historiador fazia sérias recomendações acerca das “técnicas de liberdade”<sup>25</sup>:

*A sociedade livre não pode sobreviver sem que derrote os problemas da estagnação econômica e do colapso. Mas o sucesso econômico pode apenas criar as condições para a sobrevivência da liberdade; ela não pode dar garantias. A preservação da liberdade requer um comprometimento contínuo e positivo. Especificamente a manutenção dos Estados Unidos como uma sociedade livre desafia o povo americano à imediata responsabilidade em duas áreas: os direitos civis e as liberdades civis*<sup>26</sup>.

Na verdade, desde que haviam sido publicadas as Resoluções do Comintern para a questão Negra (*Comintern Resolutions on the Negro Question*), em 1928 e 1930, dizia-se que os *African-Americans* perfaziam uma espécie de cinto negro (*Black Belt*), formador de

<sup>20</sup> FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo, DIFEL, 1972. p. 7

<sup>21</sup> FERNANDES, Florestan. *Idem, ibidem*. p. 7 e segs.

<sup>22</sup> Em 1947, o presidente do Estados Unidos, Truman, instaurou o President’s Committee on Civil Rights, como veremos mais adiante.

<sup>23</sup> CF.: DUDZIAK, Mary. *Cold War Civil Rights: Race and the Image of American Democracy*. Princeton: Princeton University Press, 2000.

<sup>24</sup> Arthur Schlesinger, prêmio Pulitzer em 1945, foi professor de Harvard. Pertencia aos círculos da elite intelectual norteamericana de WASPs (White Anglo-Saxon Protestant) envolvidos com os serviços de inteligência na Guerra. Schlesinger serviu no *Office of War Information* (1942-1943) e no *Office of Strategic Services* (1943-1945). Entre 1961 e 1963, Schlesinger foi Assistente Especial de Kennedy para Assuntos Latino Americanos e contínuo ligado aos serviços de inteligência. Foi um dos principais articuladores do *Congress for Cultural Freedom*, tanto na arregimentação de intelectuais como na estratégia de fazer do Congresso uma das principais armas da Guerra Cultural (*Cultural War*).

<sup>25</sup> SCHLESINGER JR, Arthur M. *The Vital Center. The Politics of Freedom*. USA, DaCapo, 1988. A passagem está no capítulo IX (*The Techniques of Freedom*) do Livro de Schlesinger.

<sup>26</sup> SCHLESINGER JR, Arthur M. Op. cit. p 189.

uma nação oprimida e aparte no interior dos Estados Unidos, e que esta nação deveria ter o direito de desmembrar-se e auto determinar-se<sup>27</sup>. A opressão negra teria sido causada pela condição de expropriação e semi-escravidão a que tinham sido relegados os negros, pela ainda inconclusa questão agrária do Sul, agravada pelo terror da Ku Klux Klan.

Era o mesmo Arthur Schlesinger quem dizia que “como a mais apelativa injustiça social no país”, o problema negro havia atraído o interesse do Partido Comunista desde seu início<sup>28</sup>.

A posição do Partido Comunista dos Estados Unidos era a de que “a grande maioria dos negros nos distritos rurais do sul não era “reserva da reação capitalista”, mas aliada em potencial do proletariado. Sua situação objetiva facilitava sua transformação em uma força revolucionária, que, sob a liderança do proletariado será capaz de participar na luta conjunta com todos os demais trabalhadores contra a exploração capitalista(...) É dever de todos os trabalhadores negros organizar através da mobilização das grandes massas da população negra e luta dos trabalhadores e arrendatários do campo contra as formas de opressão semi-feudal. (...) a questão negra precisa fazer parte e participar de toda e qualquer campanha conduzida pelo Partido<sup>29</sup>.

A postura do Comintern afetava a política norte-americana interna e externamente, pois orientava o Partido Comunista dos Estados Unidos e os demais, no mundo todo, a tomar a causa negra como frente de lutas anti-imperialistas e anti-americana.

Em 1950, a própria USIA (*United States Information Agency*), que a partir de 1953 consolidaria, no exterior, a maior parte das atividades de informação do Departamento de Estado, havia publicado o panfleto *The Negro in American Life*. Esta agência estava encarregada de explicar a política externa norte-americana e mostrar ao restante do mundo as faces de sua vida e de sua cultura, especialmente em respeito aos direitos e às liberdades dos indivíduos. A tarefa da USIA era complexa na medida em que o problema do negro foi evocado constantemente como prova da falta de liberdade interna e da selvageria do sistema capitalista. A Agência reconhecia agora, especialmente depois dos acontecimentos em *Little Rock*, que os problemas raciais e a violência em relação a eles existiam, mas providenciava informações sobre os avanços dos negros norte-americanos, especialmente na educação, na política e na economia<sup>30</sup>.

<sup>27</sup> Esta tese foi definitivamente abandonada em 1959, embora já bastante enfraquecida desde 1944.

<sup>28</sup> SCHLESINGER JR, Arthur M. Op. cit. p 189.

<sup>29</sup> *The 1928 and 1930 Comintern Resolutions on The Black National Question In The United States*. Do original em inglês: “The great majority of Negroes in the rural districts of the south are not “reserves of capitalist reaction,” but potential allies of the revolutionary proletariat. Their objective position facilitates their transformation into a revolutionary force, which, under the leadership of the proletariat, will be able to participate in the joint struggle with all other workers against capitalist exploitation(...). It is the duty of the Negro workers to organize through the mobilization of the broad masses of the Negro population the struggle of the agricultural laborers and tenant farmers against all forms of semi-feudal oppression.(...) The Negro problem must be part and parcel of all and every campaign conducted by the Party (1928). [www.marx2mao.com/Other/CR75.html](http://www.marx2mao.com/Other/CR75.html), acesso em 3 de julho de 2007

<sup>30</sup> Na década de 1950, houve importante investimento da USIA na produção de filmes que mostrassem ao mundo os astros negros, desde que eles não professassem nenhum tipo de idéia radical, como era o caso de Paul Robeson (1898-1976), Lorraine Hansberry (1930-1965) e Malcolm X (1925-1965). Em 1957, Louis Armstrong (1901-1971), muito mais cordato, teve suspensa sua turnê na URSS, financiada pelos EUA, quando criticou duramente a condução de Eisenhower (1890-1969) em Little Rock. Cf.: SCHWENK, Melinda M.. *Negro Star and the USIA'S Portrait of Democracy*. [www.aejmc.org/events/convention/abstracts/1999/viscom.php](http://www.aejmc.org/events/convention/abstracts/1999/viscom.php), acesso em 19 de junho de 2007.

Estas investidas das políticas de governo vinham sendo intensificadas antes mesmo de *Little Rock*, quando então foram realizadas pesquisas de opinião para verificar o quanto as relações raciais afetavam a imagem norte-americana no exterior. As conclusões foram que, universalmente, os estrangeiros possuíam uma imagem negativa do tratamento dispensado aos negros nos Estados Unidos, mesmo nos países mais simpáticos aos Estados Unidos, como a Grã-Bretanha, a Alemanha Ocidental e a Noruega. *Little Rock* teria apenas confirmado a imagem que se fazia<sup>31</sup>.

Não seria, portanto, por acaso que a iniciativa da Unesco em financiar uma pesquisa sobre relações inter-raciais no Brasil havia provocado uma certa surpresa, especialmente porque se considerava que, no âmbito mundial, o Brasil era um país que não apresentava problemas urgentes desta natureza<sup>32</sup>. Mas a Unesco estava oficialmente mobilizada em uma campanha contra a discriminação e o preconceito raciais<sup>33</sup>. A escolha havia sido feita, dizia Alfred Metraux (1902-1963), então chefe da *Division for the Study of Race Problems* da organização, justamente porque

*Os raros exemplos de relações raciais harmoniosas não têm, contudo, recebido a mesma atenção tanto de cientistas como do público em geral. Mesmo que a existência de países onde as diferentes raças vivam em harmonia seja por si só um fato importante capaz de exercer uma forte influência na questão racial em geral.*

*Um dos dogmas básicos do racionalismo (racialism) é que os homens de diferentes raças não podem misturar-se sem condenar-se à decadência moral e física. (...)*

*Se pudermos mostrar, por um ou mais exemplos concretos, que este argumento, ou mais precisamente este credo, é falso, as injustiças e sofrimentos que as políticas de segregação infligem aos membros das assim chamadas raças “inferiores” não poderão mais se justificar.*<sup>34</sup>

Metraux afirmava ainda que o Brasil é um dos raros países que alcançou a democracia racial. Chamou a atenção para o fato de que a atitude dos países ibéricos em relação à escravidão se diferenciou muito da de outras potências coloniais, assim como cláusulas favoráveis a escravos teriam sempre existido nas leis portuguesas e espanholas, reflexo da vontade da Igreja que, desde o século XVII, reconhecia os indígenas e os negros como seres humanos. Além disso, não poderia ser negada a contribuição do negro à tradição religiosa, social e artística num país que estava demonstrando sua originalidade e o surgimento de uma nova civilização, onde brancos e negros teriam trabalhado conjuntamente para criar um novo ambiente social.

O grande perigo, afirmava o chefe da Divisão da Unesco, era o papel que transformações econômicas poderiam representar na formação do preconceito racial. A rápida urbanização que tomou lugar no Brasil acirrou as relações entre brancos e negros em

<sup>31</sup> HEGER, Kenneth W. *Race Relations in the United States and American Cultural and Informational Programs in Ghana, 1957-1966*. [www.archives.gov/publications/prologue/1999/winter/us-and-ghana-1957-1966-acesso](http://www.archives.gov/publications/prologue/1999/winter/us-and-ghana-1957-1966-acesso) em 16 de junho de 2007.

<sup>32</sup> Cf.: METRAUX, Alfred. A Report on Race Relations in Brazil. *Unesco Courier*, vol. V, 8/9, 1952, pág 6. <http://unesdoc.unesco.org/images/0007/000711/071135>. acesso de 19 de junho de 2007.

<sup>33</sup> Idem, ibidem.

<sup>34</sup> Idem, ibidem.

determinadas cidades e provou conflitos sérios. O nascimento de uma classe trabalhadora rural, acompanhada de uma crescente competição entre imigrantes, com um grande número de pessoas de cor que estava se mudando para os centros industriais, poderiam destruir esta democracia racial<sup>35</sup>.

De um modo geral, as justificativas para realizar a pesquisa da Unesco no Brasil acompanhavam as linhas mestras de pensamento de Gilberto Freyre em seus estudos. Era interessante ver o predomínio de uma visão sobre o Brasil, especialmente em sua fase histórica embrionária, em que o autor, consagrado especialmente por *Casa Grande e Senzala*<sup>36</sup>, enfatiza a sensibilidade de uma cultura sustentada na bondade humana ou no humanismo, advinda de uma perspectiva nordestina, especialmente a de Pernambuco.

Esta perspectiva foi uma espécie de criação de identidade cujo pólo de sustentação era a referência a seu contrário (de oposição ou contraste). Ela seria, portanto, inversamente relativa aos valores que se encontrariam no Sul do Brasil. Para tomarmos uma dimensão mais universal, poderíamos dizer que estas teses aventadas no projeto da Unesco por Alfred Metraux, se contrapunham àquilo que Alexis de Tocqueville (1805-1859) deu ênfase em sua visão de exaltação, nos Estados Unidos, quando escreveria, em 1835, seu clássico livro *A democracia na América*. Tocqueville exaltou justamente os valores do Norte puritano, em oposição aos valores das demais regiões do continente, fadadas, segundo ele, à desordem e alheias ao trabalho e à riqueza<sup>37</sup>.

Seguindo os preceitos de Freyre, nessa interpretação inversa ao consagrado escrito de Alexis de Tocqueville, o pragmatismo utilitarista do protestantismo era incompatível com as premissas que haviam facultado construir esta civilização diferenciada que era o Brasil. Gilberto Freyre pressupunha que “a cultura católica era mais plástica, mais flexível, com maior capacidade de assimilação, ao passo que a cultura protestante, mais dura, mais rigorosa, mais intransigente, era menos receptiva à diversidade e menos rica em termos estéticos”<sup>38</sup>. Esta plasticidade e imensa capacidade de assimilação estariam presentes sempre que esta cultura católica tivesse obtido espaço de penetração, o que teria ocorrido de forma exemplar no Nordeste brasileiro. Por isso, o verdadeiro espírito brasileiro estaria no Nordeste.

Freyre centralizaria toda esta procura de identidade no passado e na construção de uma memória. Colocou-se, portanto, em contraste com projeções de futuro, especialmente as projeções de futuro que repousavam em um tipo de modernidade apregoada no Sul do Brasil, especialmente em São Paulo. Para Freyre, a aposta de modernidade e de civilização advindas do Sul do país seriam uma espécie de modelo intrusivo sobre a tradição,

<sup>35</sup> Idem *ibidem*.

<sup>36</sup> Em 1950, *Casa Grande & Senzala* já estava em sua sexta edição no Brasil. Em 1942, fora publicado na Argentina; em 1946, nos Estados Unidos; em 1947, na Inglaterra; em 1952, na França; e, em 1957, em Portugal. Em 1957, Freyre foi laureado nos Estados Unidos com o prêmio Anisfield-Wolf, destinado ao melhor trabalho no mundo sobre relações entre raças.

<sup>37</sup> Destacamos aqui duas passagens. Ambas retiradas de edição brasileira. A primeira, na página 263: “Ficamos espantados ao perceber as novas nações da América do Sul se agitarem, há um quarto de século (...) Mas quem pode afirmar que as revoluções não são, em nosso tempo, o estado mais natural dos espanhóis da América do Sul?”; a segunda, na página 360: “Mas em que porção do mundo encontram-se ermos mais férteis, rios maiores, riquezas mais intactas e mais inesgotáveis do que na América do Sul? No entanto, a América do Sul não pode suportar a democracia”. TOCQUEVILLE, Alexis. *A democracia na América: leis e costumes*. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

<sup>38</sup> SIEPIERSKI, Paulo D.. *Protestantismo versus brasilidade nos artigos de jornal do aprendiz Gilberto Freyre*. In: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br>, acesso em 20 de março de 2007.

extemporâneas àquela identidade cultural diferenciada apregoada por ele, e por sua busca constante da tradição. Gilberto Freyre propunha, assim, um modelo bastante diferenciado de civilização, distante e antagônico, portanto, do modelo protestante de desenvolvimento do capitalismo.

Fernando Henrique Cardoso continuaria a criticar esta posição de Freyre ainda em 2005, quando de sua Apresentação para a quinquagésima edição de *Casa Grande & Senzala* pela Editora Global. Dizia ele que “Gilberto Freyre contrapunha a tradição patriarcal a todos os elementos que pudessem ser constitutivos do capitalismo e da democracia: o puritanismo calvinista, a moral vitoriana, a modernização política do Estado a partir de um projeto liberal e tudo o que fundamentara o Estado de Direito (o individualismo, o contrato, a regra geral), numa palavra, a modernidade”<sup>39</sup>.

Esta postura de Freyre no que diz respeito à proposta de um outro tipo de civilização, é importante ser dito, não se consubstanciava como postura solitária. Como o francês Tocqueville, que usara os Estados Unidos para pensar a realidade de seu próprio país, a França, Freyre, um século depois, também se inspirara nos norte-americanos para repensar o Brasil, mas utilizava uma espécie de troca de sinais em relação ao trabalho de Tocqueville. Lá, onde o francês viu positividade, Freyre via negatividade. Sua proposta de civilização seria diversa. Freyre a estava compartilhando com um movimento que vinha tomando corpo especialmente no Sul dos Estados Unidos.

## AO SUL

Em 1918, Gilberto Freyre chegara para estudar em Waco, no Texas, na Baylor University, uma tradicional instituição Batista de ensino superior<sup>40</sup>. Dois anos depois, desenvolveria severa crítica ao protestantismo e se voltaria não só para o catolicismo, como para o iberismo<sup>41</sup>.

Naquela época, vivia-se intensa agitação intelectual no Sul. Um de seus movimentos era o chamado *The New Poetry*. Ele adentrara o Sul dos Estados Unidos e procurava humanizar a poesia, fazendo uso de uma linguagem mais fresca e original, fugindo completamente dos tipos tradicionais de versos, o que viria a diferenciá-lo das formas estabelecidas pela literatura do século XIX. Era a procura de novas plasticidades. Freyre foi tocado por esta forma de fazer uso da palavra e da poesia.

Havia também uma intensa movimentação intelectual que criticava a exaltação da segregação calcada na tentativa de conservar os ideais do velho sul (*Old South*), de uma história feita por “senhoras” e por remanescentes confederados, especialmente no que diz respeito ao que esta velha escola tinha em relação às concepções de raça, política e às hierarquias de classe<sup>42</sup>. Os admiradores deste renascer sulista (*Southern Renaissance*) se

<sup>39</sup> Freyre, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. São Paulo, Editora Global, 2005 – 50 edição. P. 27

<sup>40</sup> O pai de Freyre era um entusiasta da religião Batista. Foi em colégio batista que Freyre realizou seus estudos no Recife, e acabou sendo batizado naquela religião, em 1917, ano anterior a sua ida aos Estados Unidos para estudar na maior universidade Batista do mundo. Cf.: SIEPIERSKI, Paulo D.. *Op. Cit.*, acesso em 20 de março de 2007.

<sup>41</sup> Vide especialmente os trabalhos de Elide Rugai Bastos. Uma síntese desta questão pode ser encontrada em: BASTOS, Elide Rugai. *Brasil: um outro ocidente? Gilberto Freyre a formação da sociedade brasileira*. In: <http://www.fundaj.gov.br/clacso/paper10.doc>, acesso em 5 de julho de 2007.

<sup>42</sup> COBB, James. *A way Down South: A History of Southern Identity*. New York/Oxford, Oxford d University Press, 2007. Veja a este respeito o que pondera o autor quanto aos esforços de industrialização e modernização após o período de *Reconstruction* (1865-77), especialmente na p. 68.

posicionavam abertamente contra as doutrinas de segregação que se haviam acirrado na década de 1880 e que haviam encontrado eco de sustentação na exaltação do *Old South* e no restante da nação, especialmente depois de 1915, quando do estrondoso sucesso do filme *The Birth of a Nation*, de D. W. Griffith (1845-1948). O filme, que veiculava imagens sobre a “selvagem sexualidade negra”, dava um retrato negativo do período de Reconstrução sulista, quando se abriu um pequeno espaço de cidadania ao negro<sup>43</sup>.

Esta Renascença sulista estava imersa na tentativa de repensar a História, muito embora, como assinalaria o historiador James Cobb, em 2007, tenha acabado por contornar a “delicada questão da escravidão, pagando tributo ao charme e à cordialidade da classe dos senhores, mas, ao fim, esquivando-se de enfrentar “o devastador impacto humano e econômico da instituição que deu suporte à escravidão”<sup>44</sup>.

Este repensar intelectual se fez acompanhar de uma profissionalização do “fazer histórico”, que vinha dar suporte a esta reação aos valores conservadores do *Old South* e fazia com que, por volta de 1920, já houvesse cerca de 30 ou 40 cursos de História sobre o Sul sendo oferecidos nas universidades norte-americanas.

Gilberto Freyre encontraria este instigante ambiente intelectual nos Estados Unidos, seja em Waco, onde viveu entre 1918 a 20, ou no período que esteve em Nova York, na Universidade de Columbia, entre 1920 e 1922, ou mesmo de seu retorno aos Estados Unidos, em 1926, quando visitou Maryland e Virginia.

Sobre a *New Poetry*, Gilberto Freyre registra em seu diário, supostamente, em Waco, no ano de 1920, a favor da chamada *New Poetry*, do *New Criticism* e da *New History* :

*são três movimentos renovadores que fazem da literatura – ou da cultura – dos Estados Unidos de agora uma das mais vibrantes no mundo moderno.*<sup>45</sup>

Segundo o próprio Freyre, em 1921, teria começado seu contato com Henry L. Mencken (1880-1956), o que lhe marcaria profundamente<sup>46</sup>. Intelectual atuante nesse repensar da vida do Sul dos Estados Unidos, Mencken, um dos maiores críticos norte-americanos do século XX, repensava a cultura norte-americana, especialmente a sulista<sup>47</sup>, defendendo radicalmente os direitos civis, a liberdade de pensamento e posicionando-se contrariamente ao puritanismo e ao fundamentalismo cristãos. Colunista famoso e influente, antes mesmo de fundar e editar, juntamente com o futuro amigo íntimo de Freyre, o editor Alfred Knopf (1892-1984), a revista *American Mercury*, em janeiro de 1924, Mencken foi ainda um dos grandes incentivadores literários do *Harlem Renaissance*.

<sup>43</sup> Idem, ibidem. pp. 87 e 88.

<sup>44</sup> Idem, ibidem. p. 104.

<sup>45</sup> Diz-se que o registro é supostamente feito em 1920, porque, como esclarece Maria Lúcia G. Palhares-Burke, “(...) fica claro que o texto foi escrito e reescrito ao longo dos anos, houvesse ou não um núcleo original de entradas feitas na própria época dos eventos que descreve”. Cf.: PALHARES-BURKE, Maria Lúcia G.. Um livro marcante ou uma autobiografia à prestação. In: FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos. Trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade (1915-1930)*. São Paulo, Editora Global, 2006. p. 13.

<sup>46</sup> O contato teria sido por correspondência, segundo informação de Maria L. G. Palhares-Burke, e, possivelmente, com impacto unilateral em Freyre. Cf: PALHARES- BURKE, M. L. *Gilberto Freyre um vitoriano nos trópicos*. São Paulo, Editora Unesp, 2005, especialmente nas páginas 24, 34 e 162-3. Ainda segundo a autora, Mencken seria um dos maiores líderes de Freyre, “implacável na denúncia dos males da modernidade e no apelo a uma aristocracia intelectual”. Cf.: p. 204.

<sup>47</sup> Ele nasceu em Baltimore.

Este movimento que agitaria a vida de Nova York, como do restante dos Estados Unidos logo após a Primeira Guerra Mundial, florescera no Harlem, em Manhattan, revelando um número crescente de negros norte-americanos que se destacaria nas artes, na música, na literatura e na dança<sup>48</sup>. O *Harlem Renaissance* propunha a “edificação” da raça negra, através de uma celebração de grande variedade cultural de elementos que mixavam a alta e a baixa cultura com a experimentação de novas formas que se notabilizaram especialmente na literatura, na poesia e na *jazz poetry*, numa espécie de exaltação a uma cultura híbrida.

A posição de Henry L. Mencken, de um modo geral, seguia a tônica de uma aguda crítica ao protestantismo e ao puritanismo. Cada grupo humano, pensava ele, seria capaz de produzir um pequeno número de pessoas claramente superiores que perfaziam uma elite, uma aristocracia. Esta elite, que poderia ser achada entre brancos ou negros, estava, naquele início de século, sendo substituída pela ascensão social de uma massa de brancos ignorantes que vinha tomando conta do Sul dos Estados Unidos e acabando, conseqüentemente, com a erudição e a cordialidade que faziam parte de um modo de vida, de uma civilização<sup>49</sup>.

Havia, neste novo ambiente sulista pós-primeira Guerra Mundial, uma profunda reflexão sobre os males que haviam sido trazidos pela Guerra de Secessão. O abandono da população negra com o final da escravidão era visto, escrito e lido acompanhado de uma aguda crítica à sociedade industrial, sua economia e sua cultura. Havia um sentido de orgulho em reviver uma forma de vida em que, nesta compreensão, valores divergentes de civilização questionavam o utilitarismo e o pragmatismo que haviam tomado conta dos Estados Unidos. Chegara a hora, como sugeriam os poetas e os professores do movimento *The Fugitives*<sup>50</sup>, que se formara na Universidade de Vanderbilt, igualmente por volta de 1915 (em que pese as divergências que viriam a ter com Mencken), de provocar uma reação que seria ainda mais radicalizada: este grupo seria a origem dos *Agrarians*<sup>51</sup>.

Em 1930, ano em que Freyre iniciava suas pesquisas para *Casa Grande & Senzala*, um grupo de doze intelectuais, ligados de alguma forma à Universidade de Vanderbilt, em Nashville, no Tennessee, publicaria o manifesto *I'll Take My Stand: The South and The Agrarian Tradition*<sup>52</sup>. *I'll Take My Stand* era um conjunto de doze trabalhos que atacava a civilização industrial da sociedade norte-americana moderna e apregoava a preservação dos costumes e cultura do Sul rural como alternativa de civilização. O manifesto nascera sob a inspiração de dois professores de inglês e poetas e de um estudante poeta, John Crowe Ransom (1888-1974), cujo pai foi missionário no Brasil<sup>53</sup>, Donald Davidson (1893-1968) e

<sup>48</sup> Especial atenção deve ser dada ao movimento de migração interna de negros que sai do sul dos Estados Unidos para se estabelecer no Norte após a Guerra Civil. Há uma concentração especial deles no Harlem.

<sup>49</sup> COBB, James. Op. cit. p. 108.

<sup>50</sup> Nome dado à revista do Grupo. Cf. : CONKIN, Paul K. *The Southern Agrarians*. Nashville, Vanderbilt University Press, 2001. p. 1.

<sup>51</sup> Este grupo daria origem, ainda, ao *New Criticism*. Entre os mais notáveis *Fugitives* estavam John C. Ransom, Allen Tate, Merrill Moore, Donald Davidson, Randal Jarrel e Robert Penn Warren. Já por volta de 1930, vários componentes do grupo criticavam as posições.

<sup>52</sup> O grupo era composto por John Crowe Ransom, Donald Davidson, Frank Lawrence Owsley, John Gould Fletcher, Lyle H. Lanier, Allen Tate, Herman Clarence Nixon, Andrew Nelson Lytle, Robert Penn Warrens, John Donald Wade, Henry Blue Kline e Stark Young.

<sup>53</sup> John James Ransom veio para o Brasil em 1876 e por dez anos estruturou a fixação da Igreja Metodista no Brasil, a partir do Rio de Janeiro.

Allen Tate (1899-1979)<sup>54</sup>. De modo geral, os *Agrarians* estavam preocupados com o modernismo cultural e buscavam uma reconciliação entre tradição e progresso, apostando tanto na defesa da cultura e da herança cultural, como nos valores religiosos do humanismo cristão e, por conseguinte, na reafirmação de uma filosofia antiliberal, especialmente importantes para uma cultura que teria construído um senso profundo de comunidade, identidade e laços familiares<sup>55</sup>.

Não param por aí as similitudes e coincidências do trabalho de Freyre com estes sulistas<sup>56</sup>. Assim como há uma leitura idílica do Brasil do séc. XIX em *Casa Grande & Senzala*<sup>57</sup>, o poder argumentativo dos ensaios do grupo *Agrarians* reside justamente na força de suas metáforas poéticas, que, na defesa de um Sul romantizado, transformou-se em uma afirmativa de valores universais<sup>58</sup>; a industrialização, em última instância, seria inimiga da religião, das artes e de todos os componentes da “boa vida”: do ócio, da hospitalidade e da conversação. Esta era uma visão plenamente corroborada por Freyre, como podemos ver:

*Havia lazer, havia fausto, havia escravos e havia maneiras.*<sup>59</sup>

Na época, como se observava entre alguns dos *Agrarians*, especialmente Allen Tate, a crítica ao protestantismo levaria muitos intelectuais a um enorme interesse pelo *Revival Católico*<sup>60</sup>. O movimento, que se iniciara ao final do século XIX, mas atingiria seu auge depois da Primeira Guerra até o II Conselho do Vaticano, na década de 1960, tinha forte inspiração de literatos e clérigos que pretendiam integrar a doutrina católica às tendências do humanismo cristão. Uma crítica à noção popularizada do Iluminismo de um progresso inevitável da humanidade juntava-se ao renovado interesse pela escolástica e por Santo Thomás de Aquino (1225-1274), acompanhada da imagem bastante negativa do mundo moderno impulsionado pela noção de progresso.

De sua vertente à direita, o *Revival Católico* teve como principais representantes a *Action Française*, liderada por Charles Maurras (1868-1952), de quem Freyre se aproximou em 1922<sup>61</sup>, quando de sua estada na França e, mais tarde, a *Opus Dei*. É conhecida

<sup>54</sup> MURPHY, Paul V. *The Rebuke of History: the Southern Agrarians and American Conservative Thought*. The University of Southern Carolina Press, Chapel Hill and London, 2001. p. I.

<sup>55</sup> Idem, *ibidem*. p. 14.

<sup>56</sup> Stella Bresciani observa que a estrutura dos capítulos de *Casa Grande e Senzala*, instigantemente, corresponde ao modelo de uma história para o Brasil feita por Martius, em 1844, mas jamais citado por Freyre. Cf.: BRESCIANI, Maria Stella M. *O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre interpretes do Brasil*. São Paulo, Editora Unesp, 2005. p. 121. Da mesma forma, embora as coincidências de pensamento sejam chocantes, o repensar do Sul dos Estados aparece apenas como que acidentalmente na obra de Freyre.

<sup>57</sup> Fernando Henrique Cardoso dirá que “Os críticos sempre mostraram as contradições, o conservadorismo, o gosto pela palavra sufocando o rigor científico, suas idealizações e tudo o que, contrariando seus argumentos, era simplesmente esquecido”. Cardoso, Fernando Henrique. Um livro perene. In: FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo, Editora Global, 2005. Apresentação, p. 20.

<sup>58</sup> MURPHY, Paul V. *Op. cit.* . p. 2.

<sup>59</sup> Diário de Pernambuco, 13/03/1921. In: LARRETA, Enrique Ridríguez e Giucci, Guilherme. *Op. Cit.* p 110.

<sup>60</sup> A lista inclui ainda uma série de literatos notáveis: Gordon, Katherine Anne Porter, Ernest Hemingway, Dorothy Day, Thomas Merton, Clare Booyle Luce, Jean Stafford, Robert Lowell, Tennessee Williams, Wallace Stevens, and Walker Percy. Cf: MURPHY, Paul V. *Op. cit.* . p. 36.

<sup>61</sup> Segundo Palhares-Burke, a aproximação e o entusiasmo de Freyre por Maurras teriam sido breves. Cf. : PALHARES-BURKE, M.L. *Op. cit.* p. 180. A este respeito vide também FREYRE, Gilberto. *Tempo morto*

também a ascendência ideológica de Maurras sobre o ditador português, Antônio Salazar (1889-1970), de quem Freyre se aproximaria<sup>62</sup>. Dentre os próprios Agrarians, alguns de seus membros também tiveram a reputação abalada no decorrer dos anos 1930, quando acabaram por se associar ao intelectual fascista norte-americano Seward Collins<sup>63</sup>.

Aliada à busca de princípios cristão humanistas, o grupo dos *Agrarians* cultivaria uma ácida crítica à sensibilidade vitoriana e ao empecilho que ela trazia. Ainda como um *Fugitive*, Allen Tate, inspirado em T.S. Eliot (1888-1965), dizia que “somente as novas técnicas poéticas poderiam servir à causa do Sul, que ele veio a admirar; um Sul que um dia incorporou uma tradição cultural profunda. A literatura da causa perdida, da luz do luar e das magnólias, ou das cores locais, não era apenas falsa em sua factualidade e em sua espoliação do Sul, mas era a literatura produzida pelos mercados no Norte. As velhas técnicas poéticas, atreladas à sensibilidade vitoriana, eram inadequadas ao desafio de resgatar o verdadeiro Sul”<sup>64</sup>. Ou melhor, estas novas técnicas deveriam, em última instância, denunciar a moderna alienação da humanidade e de seu passado.

A reação intelectual aos valores burgueses e filisteus do Norte parece ter dado certo. Em 1925, em Vanderbilt, a mais importante e influente universidade do Sul dos Estados Unidos, todos falavam sobre o Sul<sup>65</sup>. Plasticamente, abandonavam a sensibilidade vitoriana.

A negação da perspectiva estrutural-funcional da *Renaissance* sulista destacava, antes de mais nada, a dimensão espiritual que o contato direto com a natureza e com a religiosidade engendraria para o desenvolvimento e a preservação de uma série de virtudes, como a honra, a integridade moral, o sentido de comunidade, uma vida de abundância e, em última análise, esta espiritualidade, capaz de dar à civilização um sentido de pertença e de identidade. Resumindo, era a resposta ao mal de civilização do mundo industrial, cuja vulgarização, ausência de plasticidade e de espiritualidade punham em suspenso o supremo valor da virtude.

Tanto a literatura como a cultura e a “civilização” do Sul foram assim construídas assentadas na memória, cuja identidade cultural apontava para o passado em contraposição a qualquer idéia de futuro. Propunha-se uma outra idéia de civilização, de uma forma diversa de estar no mundo. Assentados na construção e (re)construção da memória, esta civilização trataria de si e das relações raciais como um modo de vida, não propriamente como uma forma de relação estrutural de exploração.

A crítica à sensibilidade vitoriana, é bem verdade, já havia sido anunciada de maneira enfática nos Estados Unidos pelo círculo literário ao qual pertencia Amy Lowell (1874-1925), de quem Freyre se dizia protegido<sup>66</sup>, e que também teria influenciado profundamente os *Agrarians*. Em 1912, os *Imagistas*<sup>67</sup> [Ezra Pound (1885-1972), Hilda

*e outros tempos. Trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade (1915-1930, especialmente pp. 132 e sgs..*

<sup>62</sup> Salazar adotou a noção de tropicalismo lançada por Freyre que, a serviço do ditador, visitaria as colônias portuguesas na África nos anos 1951 e 1952.

<sup>63</sup> Rico, dono de dois jornais literários, o *The Bookman* e o *American Review*, Collins (1899-1952) era admirador confesso de Benito Mussolini. Allen Tate, entretanto, publicaria, em 1936, na *The New Republic*, uma severa crítica ao fascismo.

<sup>64</sup> Conkin, Paul K. *The Southern Agrarians*. Nashville, Vanderbilt University Press, 2001. p. 25.

<sup>65</sup> Conkin, Paul K. *Op.cit.* . p 26 - 32.

<sup>66</sup> Vide a este respeito LARETTA, Enrique Rodríguez e GIUCCI, Guillermo. *Gilberto Freyre: uma biografia cultural*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007. pp. 90 e segs.

<sup>67</sup> Maldosamente chamado de Amygistas por Pound, que romperia com Lowell.

Doolittle (1886-1961), Richard Aldington (1892-1962), F. S. Flint (1885-1960) e Amy Lowell eram alguns dos expoentes], haviam proposto novos estatutos poéticos que abandonavam, diziam eles, o sentimentalismo vitoriano e liberavam a expressão de artifícios e obscuridades. Tanto T. S. Eliot como D. H. Lawrence se deixariam influenciar por esta perspectiva.

Fora em 1920, portanto quatro anos antes de Freyre ajudar a fundar o Centro Regionalista do Nordeste, no Recife, que o pensador conheceria Amy Lowell<sup>68</sup>. Além de promover poetas e intelectuais, Lowell se notabilizara por seu trabalho e, àquela altura, já havia publicado *Patterns* (1916), seu mais bem conhecido poema que, significativamente, protesta contra as inibições puritanas e as convenções repressivas da sociedade.

*(...)In Summer and in Winter I shall walk  
Up and down  
The patterned garden-paths  
In my stiff, brocaded gown.  
The squills and daffodils  
Will give place to pillared roses, and to asters, and to snow.  
I shall go  
Up and down,  
In my gown.  
Gorgeously arrayed,  
Boned and stayed.  
And the softness of my body will be guarded from embrace  
By each button, hook, and lace.  
For the man who should loose me is dead,  
Fighting with the Duke in Flanders,  
In a pattern called a war.  
Christ! What are patterns for?<sup>69</sup>*

A criação do Centro Regionalista do Nordeste,<sup>70</sup> seguiria esta linha de incorporação de um novo sentido estético, crítico ao século XIX, crítico da modernidade, fiel, entretanto, às tradições de civilização. No próprio *Manifesto Regionalista*, publicação tardia de Freyre, supostamente escrito em 1926<sup>71</sup>, ficariam registradas, de forma exemplar, algumas das vigas mestras das preocupações intelectuais de Freyre:

*Procuramos defender esses valores e essas tradições, isto sim, do perigo de serem de todo abandonadas, tal o furor neófito de dirigentes que, entre nós, passam por*

<sup>68</sup> Foi num conclave no Campus da Baylor. Além de Amy Lowell, estavam presentes Vachel Lindsay, e William Butler Yates.

<sup>69</sup> Vide poema na íntegra em anexo.

<sup>70</sup> Entre outros, além de Freyre, fizeram parte da criação: Carlos Vieira Filho, Júlio Belo, Moraes Coutinho, Carlos Lyra Filho e Odilon Nestor.

<sup>71</sup> É praticamente unânime a tese que o manifesto teria sido redigido apenas na década de 1950. Entretanto, vários estudiosos de Freyre, entre eles Elide Rugai Bastos, afirmam que o teor do manifesto estaria em conformidade não só com o *Livro do Nordeste*, mas igualmente com artigos daquele período. BASTOS, Elide Rugai. *Brasil, um outro ocidente? Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira*. In: [www.fundaj.gov.br/clacso/paper10.doc](http://www.fundaj.gov.br/clacso/paper10.doc), acesso em 27 de agosto de 2007.

*adiantados e “ progressistas” pelo fato de imitarem cega e desbragadamente a novidade estrangeira. (...)*

*A verdade é que não há região no Brasil que exceda o Nordeste em riqueza de tradições ilustres e em nitidez de caráter. Vários de seus valores regionais tornaram-se nacionais depois de impostos aos outros brasileiros menos pela superioridade econômica que o açúcar deu ao Nordeste durante mais de um século do que pela sedução moral pela fascinação estética dos mesmos valores.*

*(...) o Nordeste tem o direito de considerar-se uma região que já grandemente contribuiu para dar à cultura ou à civilização brasileira autenticidade e originalidade e não apenas doçura ou tempero.<sup>72</sup>*

A obra de Gilberto Freyre vinha ao encontro da perspectiva renascentista do Sul dos Estados Unidos. As formas narrativas em *Casa Grande & Senzala* tiveram o encantamento de apresentar a harmonização desta forma de vida, numa perspectiva inclusive plástica com a natureza e o meio-ambiente, que fazia da nostalgia do século XIX e do modo português de estar no mundo – fraterno, plástico, tolerante, cristão –, um pano de fundo para o quadro mais geral de integração e presença marcante do negro em um ideal de civilização. Em tudo isso, Gilberto Freyre via grande similaridade entre o Sul dos Estados Unidos e o Nordeste do Brasil<sup>73</sup>, não fosse a diferença trazida pelo autor ao introduzir o iberismo como o grande responsável pela harmonização das raças, o que o levava a dizer que *híbrida desde o início, a sociedade brasileira é de todas da América a que se constitui mais harmoniosamente quanto às relações de raça*<sup>74</sup>. Não seria de estranhar, como observam Larreta e Giucci, em recente estudo bibliográfico de Freyre, que o estilo intelectual de Gilberto Freyre diferisse tanto daquele que mais tarde seria tido como seu mestre: o professor Franz Boas<sup>75</sup>. E se, intelectualmente, os estilos eram bastante diferentes, cabe ainda lembrar que Freyre nem mesmo fez parte do círculo restrito de discípulos do mestre<sup>76</sup>.

Assim como os *Agrarians*, em Gilberto Freyre este *revival* pressupunha a sustentação de uma estrutura de classe através de um outro tipo de arranjo para a modernidade, muito distante de uma ética embasada no puritanismo calvinista, na moral vitoriana e no individualismo apregoados pelo liberalismo.

## NA USP

<sup>72</sup> FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista de 1926*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura: Os Cadernos de Cultura, 1955. pp. 19 e 20

<sup>73</sup> Como diria Fernando Henrique Cardoso, Gilberto Freyre optaria “por valorizar um *ethos* que, se garante a identidade cultural dos senhores, é ele próprio quem compara o patriarcalismo nordestino com o dos americanos do Sul e os vê próximos”. Cf.: Cardoso, Fernando Henrique. Um livro perene. In: FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo, Editora Global, 2005. Apresentação, p. 26

<sup>74</sup> Idem, *ibidem*. p. 26.

<sup>75</sup> LARRETA e GIUCCI. Op. Cit. Como bem mostram os autores, Freyre sequer fez parte do círculo restrito de Boas. pp. 140 e 141.

<sup>76</sup> Idem, *ibidem*. P 141. Note-se ainda que, da banca da tese mestrado de Freyre, defendida na Columbia University, em 1922 (*Social Life in Brazil in the Middle of the 19.th Century*), fizeram parte William R. Shepherd (1871-1934), Clement Haring e Carton Hayes. Este trabalho de apenas 33 páginas – e que seria uma espécie de núcleo de pensamento das teses de Freyre - acabou sendo publicado no mesmo ano na *The Hispanic American Historical Review* por Sheperd, um especialista em América Latina, que havia sido um dos fundadores da revista apenas quatro anos antes.

Distante da perspectiva freyreana, e especialmente contra ela, a posição do grupo de pesquisa de Florestan Fernandes e Roger Bastide, que havia sido contratado em São Paulo pela Unesco, era a de que a essência do modo de vida do Nordeste brasileiro seria justamente a segregação racial e não esta pseudo civilização que paga seu tributo à cordialidade, à plasticidade e à miscigenação.

As duas visões se chocavam. Enquanto os agraristas procuravam fugir da dimensão, da lógica de sistema capitalista e do progresso, o grupo da USP, em sua perspectiva estrutural-funcional, afirmava categoricamente que a escravidão era um empecilho estrutural ao desenvolvimento do capitalismo e, portanto, da inscrição do país na modernidade, como bem enfatizaria Fernando Henrique Cardoso:

*A economia escravista, por um lado, é uma economia de desperdício pela sua própria natureza, e por outro lado, funda-se em requisitos sociais de produção que a tornam obrigatoriamente pouco flexível diante das necessidades de inovação na técnica de produção. Noutros termos, e sintetizando, a economia escravocrata, por motivos que se inscrevem na própria forma de organização social do trabalho, impõe limites ao processo de racionalização da produção e à calculabilidade econômica. Isto significa que, a partir de um certo limite, a economia escravocrata se apresenta como um obstáculo fundamental para a formação do capitalismo.*<sup>77</sup>

As propostas de Gilberto Freyre acabariam por provocar um imenso mal estar no Brasil, especialmente no período posterior à IIa Grande Guerra. Se, por um lado, sua leitura da realidade brasileira despertava interesse nos anos 1950, principalmente em função da valorização da harmonização social entre brancos e negros, grande problema político para os Estados Unidos neste período de Guerra-fria, sua descrença no modelo de industrialização e desenvolvimento do capitalismo, bem como sua fascinação pelo passado, faziam com que Freyre entrasse em choque com as propostas de democracia, industrialização e desenvolvimento que entrariam em voga naqueles tempos.

A solução da questão social e a supressão da pobreza e da miséria, por intermédio da superação dos índices de miséria, natalidade, educação e modernização, fizera com que o desenvolvimento econômico industrial fosse tomado como o caminho que levaria invariavelmente os sistemas políticos – algum dia - ao encontro da liberdade. Tanto as teses de Raymond Aron (1905-1983)<sup>78</sup>, como os princípios de desenvolvimento defendidos pelos teóricos da CEPAL, ou das assim chamadas esquerdas modernizantes, por exemplo, seguiram por esta vertente<sup>79</sup>.

Numa perspectiva de futuro e de desenvolvimento industrial, portanto, o término da escravidão seria um requisito fundamental “para a formação plena do sistema mercantil-industrial capitalista”<sup>80</sup>, onde *o preconceito se torna(ra) um recurso de autodefesa do branc*” e onde *a espoliação social que ele deseja(ra) manter justifica(ra)-se “por motivos*

<sup>77</sup> CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e Escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2033. p. 217.

<sup>78</sup> Vide a este respeito, por exemplo, *O ópio dos intelectuais* e suas teses sobre democracia. ARON, Raymond. *O ópio dos intelectuais*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1980.

<sup>79</sup> Vide a este respeito CANCELLI, Elizabeth. *A crise dos alienados, o revival da intolerância*. São Paulo, USP, no prelo, 2006.

<sup>80</sup> Idem, *ibidem*. p. 227.

*naturais*”<sup>81</sup>. É justamente aí que reside a crítica de Florestan Fernandes: o “velho regime” tratou de perpetuar a ordenação das relações raciais, *mantendo o negro e o mulato numa situação social desalentadora*<sup>82</sup>.

O mito da democracia racial serviria, então, para perpetuar esta realidade, já que o negro e o mulato estariam *socializados não só para tolerar, mas para aceitar como normal e até endossar as formas existentes de desigualdade racial, com os seus componentes dinâmicos – o preconceito racial dissimulado e a discriminação racial indireta*<sup>83</sup> -, numa ordem racial que se superpunha à ordem social da sociedade de classes em expansão<sup>84</sup>. Ou melhor dizendo, esta herança racista, de dominação estamental, dificultaria a recuperação do que se perdeu e dos *caminhos históricos de integração econômica, sócio-cultural e política de uma sociedade cultural e racialmente homogênea*<sup>85</sup>.

O grupo de Fernandes/Bastide insistia na ênfase do desenvolvimento e da formação da democracia burguesa, baseado na constatação de que o negro fora alijado do processo de desenvolvimento econômico ainda antes da Abolição e depois dela<sup>86</sup>. Florestan Fernandes dizia que *não é só a democracia racial que está por constituir-se no Brasil. É toda a democracia na esfera econômica, na esfera social, na esfera jurídica e na esfera política*<sup>87</sup>. Os valores patrimonialistas viriam de encontro à necessidade destas transformações. As críticas feitas pelo grupo de Florestan e Bastide, de que o patriarcalismo seria o responsável pelo obstáculo para o pleno desenvolvimento do capital e para a plenitude democrático-burguesa, seriam um problema que, em última instância, diria respeito aos países, naquela época, chamados de subdesenvolvidos. Neles, a mentalidade patriarcal era um empecilho para a adoção de modelos e valores políticos modernos, em que pese a leitura feita pelos norte-americanos sobre a existência, no caso específico do Brasil, de uma democracia racial (evidentemente desacompanhada de uma democracia política).

Ao contrário do grupo da Universidade de São Paulo, a proposição de Gilberto Freyre - de que era possível haver harmonia social em uma sociedade desigual - tinha como tônica a tese de que mudanças culturais, ou das mentalidades - e daí sua aposta na *New History* - seriam capazes de fazer a inclusão do negro preservando um sistema de vida sem tocar nas premissas dos sistemas de exploração e acumulação.

Esta tese, a de uma democracia racial engendrada pelas mentalidades e pela tradição da cultura, encaixava-se parcialmente nas soluções de governo que seriam encontradas nos Estados Unidos para resolver o problema de inclusão social das populações negras e dos direitos civis. Num artigo de 1966, publicado no *The American Negro Reference Book*, o historiador norte-americano, C. Eric Lincoln (1924- 2000)<sup>88</sup>, pode ser tomado como

<sup>81</sup> CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*. p. 320.

<sup>82</sup> FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classe no limiar de uma nova era*. São Paulo, Dominus Editora, 1965. p. 1.

<sup>83</sup> FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo, Difusão Européia, 1972. p. 10

<sup>84</sup> Idem, *ibidem*. p. 13.

<sup>85</sup> Idem, *ibidem*. pp. 15-16.

<sup>86</sup> CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*, especialmente sua Introdução.

<sup>87</sup> Idem, *ibidem*. p. 23.

<sup>88</sup> Um dos mais importantes “Afro-americanos acadêmicos”, Lincoln foi professor de religião e cultura em várias universidades norte-americanas, tendo falecido como professor aposentado da Duke University (1993). Seu trabalho mais conhecido é o livro *The Black Muslims In America*, de 1961.

exemplo de como os liberais rebatem a leitura das esquerdas e do Partido Comunista sobre a democracia nos Estados Unidos no que diz respeito à questão racial.

Lincoln dizia que existiam dois grandes paradoxos na experiência democrática norte-americana: ter a presença da segregação racial em meio a uma sociedade livre, e ter, embora a segregação fosse um problema entre as raças, um problema em que as raças não estavam totalmente divididas. Este *unfreedom* do racismo e da segregação, dizia ele, seria inconsistente com os princípios básicos da filosofia política dos Estados Unidos e seu corpo de idéias e valores, entendidos como *American Way of Life* ou do *American Dream*<sup>89</sup>. Segundo Lincoln, naquela época professor visitante no Dartmouth College e diretor do Institute of Social Relations do Clark College, em Atlanta, mesmo que a acomodação não significasse aceitação servil, a maior parte dos negros havia se acomodado aos padrões de segregação em meio a ilhas de protesto. A segregação racial seria mais do que uma questão social e política, mas moral também.

Um grande passo teria sido dado para a solução do problema, diz Eric Lincoln, quando se compreendeu que a questão não poderia ser resolvida por negros, ou brancos, mas por um esforço concentrado do povo norte-americano. Outro paradoxo levantado por Lincoln é o de que a questão não deveria mais ser olhada como questão sulista. O preconceito não era a única causa da segregação; seus aliados estavam escondidos no desemprego, na insegurança econômica, na ansiedade, no medo e na política<sup>90</sup>.

Assim, se esta segregação e alienação estavam em choque com os princípios fundamentais da filosofia política dos Estados Unidos e seu corpo de idéias e valores, trazendo conseqüências sociais e políticas, cabia essencialmente enfrentar o problema através da transformação das mentalidades racistas. Era fundamentalmente a mentalidade que fazia com que houvesse conseqüências sociais no que diz respeito ao acesso ao trabalho, à educação e à segurança econômica. As mentalidades, ou melhor, a cultura, portanto, e não o sistema econômico, seriam responsáveis pela marginalização.

Na verdade, tanto a perspectiva freyreana (existência de democracia racial) quanto a perspectiva defendida pelo grupo da USP (existência de preconceito racial como resultado da marginalização provocada pela escravidão e por suas conseqüências pós-abolição) respondiam às estratégias de combate ao racismo nos Estados Unidos.

A primeira, como visto, porque apostava em mudanças culturais, o que, em última análise, impulsionava a construção de políticas que pudessem transformar as mentalidades racista e segregacionista. Apropriava-se da suposta constatação de Freyre de que uma democracia racial seria plenamente possível, sem levar em conta sua fascinação pelo passado e seu profundo desconforto com os valores e o sistema político e econômico da república norte-americana.

A segunda perspectiva também alimentava a estratégia de combate ao racismo porque apostava que a democracia seria possível pela consolidação de uma sociedade de classes que pudesse expurgar os antigos hábitos, padrões de comportamento e funções sociais institucionalizadas, na qual estava o comportamento subordinado da população negra, que se adequava às elites conservadoras, como analisado por Florestan Fernandes. Nesta visão, aceitava-se o modelo sócio-econômico de acumulação ocidental como o

---

<sup>89</sup> LINCOLN, C. Eric. The American Protest Movement for Negro Rights. In: DAVIS, John P. (ed). *The American Negro Reference Book*. Prentice-Hall, Inc. Englewood, New Jersey, 1969 (First Edition, 1966). p. 458.

<sup>90</sup> Idem, *ibidem*. pp. 458 e segs.

grande engendrador da democracia social e política e, em última instância, aceitava-se o fato de que existiria um paradoxo na presença de segregação racial em meio a uma sociedade de classes plenamente constituída. Como chamava atenção Arthur Schlesinger, ao mesmo tempo em que a industrialização criara uma inimaginável abundância e riqueza, cessara a ordem social da fé e da irmandade<sup>91</sup>. Daí a importância da intervenção governamental, ou melhor, da adoção de políticas onde “a expansão dos poderes do governo pudessem ser constantemente parte essencial do ataque da sociedade aos males das vontades e da injustiça”<sup>92</sup>.

Fundado em 1947 por Arthur Schlesinger, Eleanor Roosevelt (1884-1962), Walter Reuther (1907-1970), Hubert Humphrey (1911-1978)<sup>93</sup>, David Dubinsky (1898-1987), e Chester Bowles (1901-1986), o *Americans for Democratic Action*, órgão do Partido Democrata, definiria os direitos civis como a questão fundamental de sua atuação; política seguida pelo presidente democrata Harry Truman (1884-1972)<sup>94</sup>, que estabeleceria a *Presidential Committee for Civil Rights*<sup>95</sup>, passo fundamental para acabar com as leis de discriminação, especialmente do Texas, Louisiana, Mississippi, Alabama, Georgia, Carolina do Norte, Virginia, Arkansas, Tennessee, Oklahoma e Kansas.

Naquela época, já circulava, sob forte impacto, a pesquisa financiada pela Carnegie Cooperation sobre relações raciais e realizada pelo economista sueco Gunnar Myrdal (1898-1987)<sup>96</sup>, cuja publicação, em 1944, do livro, *An American Dilemma: The Negro Problem and Modern Democracy*, foi um estrondoso sucesso<sup>97</sup>. O ponto nodal da questão era justamente o enfrentamento do paradoxo (ou melhor, do dilema) entre a coexistência dos princípios liberais norte-americanos e a miséria dos negros. Entendia-se que o problema negro era, na verdade, um problema dos brancos. Isto queria dizer que, em essência, estaria na reação institucionalizada contra as injustiças sociais do racismo e da segregação o cerne das políticas relativas às questões dos direitos e das liberdades civis<sup>98</sup>. Daí a implementação das políticas de ação afirmativa, termo usado pela primeira vez em

<sup>91</sup> SCHLESINGER JR., Arthur M. *Op. cit.* . Cap. XI (Freedom: A Fight Faith). p. 243.

<sup>92</sup> No original em inglês: *The expansion of the powers of government may often be an essential part of society's attack on evils of want and injustice.* SCHLESINGER JR., Arthur M. *Op. cit.* p. 251.

<sup>93</sup> Humphrey foi eleito vice-presidente de Lyndon Johnson em 1964.

<sup>94</sup> Truman foi presidente dos Estados Unidos de 1945 a 1953.

<sup>95</sup> A Comissão era formada por Charles E. Wilson, Sadie T. Alexander, James B. Carey, John S. Dickey, Morris L. Ernst, rabino Roland B. Gittelsohn, Dr. Frank P. Graham, Reverendo Francis J. Haas, Charles Luckman, Francis P. Matthews, Franklin D. Roosevelt Jr, reverendo Henry Knox Sherril, Boris Shishkin, M.E. Tilly e Channing H. Tobias e, em dezembro de 1947 apresentou um relatório sugerindo uma série de medidas para acabar com a discriminação, inclusive para que fossem criadas comissões permanentes, o que só seria realizado no governo seguinte. Em 1948, Truman assinou as ordens executivas 9988 e 9981 de desegregação na esfera pública federal e nas forças armadas. Em mensagem especial ao Congresso, em fevereiro de 1948, para a implementação das recomendações da Comissão. Em 1957 Eisenhower aprovou o *Civil Rights Act*; em 1960, um novo *Civil Rights Act* criaria a comissão permanente de *Civil Rights* e a Divisão de *Civil Rights* no Departamento de Estado.

<sup>96</sup> Prêmio Nobel de Economia, em 1974.

<sup>97</sup> Cem mil cópias de 1944 a 1965.

<sup>98</sup> SCHLESINGER JR, Arthur. *Op. Cit.* . p. 252

1961, por John F. Kennedy (1917-1963), de quem Arthur Schlesinger, admirador do trabalho de Gunnar Myrdal, seria assessor<sup>99</sup>.

Aliadas à implementação dessas iniciativas governamentais de compensação social, as estratégias governamentais incluíam o apoio ao movimento pelas liberdades civis, quando assentado na premissa da não-violência, de sua vinculação com líderes religiosos e da desobediência civil às leis de segregação, desde que pactuante do pacifismo<sup>100</sup>.

Nessa linha política, foram inúmeros os encontros, seminários e iniciativas que tomaram como tema a questão racial, fortemente pautados pela agenda de discussões da Guerra-fria e de sua Guerra Cultural. O próprio Congresso pela Liberdade da Cultura (*Congress for Cultural Freedom –CCF*)<sup>101</sup> juntou-se à *American Academy of Arts and Sciences* e, através de financiamento da Fundação Ford, cujos fundos eram repassados da CIA para o CCF desde sua fundação em 1950<sup>102</sup>, patrocinou, em setembro de 1965, na cidade de Copenhague, o Congresso *Race and Color*<sup>103</sup>.

No caso brasileiro, as interpretações conflitantes sobre a questão racial de Gilberto Freyre e do grupo liderado por Florestan Fernandes, que apareceram tão fortemente nas pesquisas financiadas pela Unesco, em 1951 e 1952, fizeram parte deste ambiente mundial de discussão e embates sobre a questão racial tão caro à estratégia norte-americana de respostas às críticas sobre o sentido de sua democracia política.

Ambas as interpretações foram opostas em termos de modelos de civilização. Ambas anunciavam um certo mal estar na civilização. Apontavam, entretanto, e cada uma a seu modo, saídas que respondiam à problemática do racismo. A saída de Gilberto Freyre estava fortemente sedimentada nos alicerces de renovação intelectual ocorrida no Sul dos Estados Unidos nas primeiras três décadas do século XX. A de Florestan Fernandes, era uma aposta na modernização via desenvolvimento; modernização e conscientização da classe trabalhadora, ou, como ele dizia, da consolidação burguesa de um país em uma sociedade de classes em formação.

Ambas as saídas continuaram a ser tema de embates políticos e intelectuais, especialmente após a adoção das políticas de ação afirmativa por instituições públicas brasileiras na década de 1990, embora suas ênfases sobre as razões do abandono da população negra fossem divergentes. Se Gilberto Freyre se ateu ao abandono provocado pela fria sociedade industrial, Florestan Fernandes via na herança do patriarcalismo as sementes do racismo e da marginalização social.

De qualquer forma, seguindo qualquer das orientações, a agenda norte-americana para a Guerra-fria sobre a questão racial conseguiu ocupar um lugar central nos debates sociais. Segundo a convicção de Arthur Schlesinger, sem a já “descabida” distinção

<sup>99</sup> O uso do termo se deu quando da edição da Ordem Executiva 10925, que exigia dos empregadores federais a adoção de ações afirmativas que assegurassem emprego e tratamento sem discriminação por raça, credo, cor ou origem.

<sup>100</sup> O maior expoente desta corrente de protesto foi Martin Luther King.

<sup>101</sup> Sobre o Congresso pela Liberdade da Cultura, recomendamos ainda o trabalho de GRÈMION, Pierre. *Intelligence de l'anticommunisme: Le Congrès pour la liberté de la culture à Paris (1950-1975)*. Paris, Fayard, 1995.

<sup>102</sup> A este respeito, ver SAUNDERS, Frances Stonor. *Who Paid The Piper? The Cultural Cold War: The Cia and the Word of Arts and Letters*. New York. The New Press, 1999.

<sup>103</sup> Estiveram presentes, entre outros, Philip Mason (Grã-Bretanha), Eric Lincoln (Brown University), Talcott Parson (Harvard), Louis Lomax (Los Angeles), Rarold Isaacs (MIT)

política entre esquerda e direita<sup>104</sup>: estavam todos envolvidos neste debate e prontos, dizia ele, devido à complexidade da vida política, ao engajar do “ativismo democrático”. Seriam, neste sentido, relevantes as conclusões do já citado relatório do chefe da *Division for the Study of Race Problems* da Unesco, Alfred Metraux: o perigo de se acabar com a democracia racial no Brasil estaria localizado na rápida urbanização, no nascimento de uma classe trabalhadora rural, acompanhada de uma crescente competição entre imigrantes, com um grande número de pessoas de cor que estava se mudando para os centros industriais. Isto é: o problema se resumiria a uma questão de inclusão e de mentalidade, e, portanto, como chamava atenção C. Eric Lincoln, no *The American Negro Reference Book*, nos paradoxos na experiência democrática!

Estava assim resguardado o *American Way of Life*.

## ANEXO

Patters

Amy Lowell

I walk down the garden paths,  
 And all the daffodils  
 Are blowing, and the bright blue squills.  
 I walk down the patterned garden-paths  
 In my stiff, brocaded gown.  
 With my powdered hair and jewelled fan,  
 I too am a rare  
 Pattern. As I wander down  
 The garden paths.

My dress is richly figured,  
 And the train  
 Makes a pink and silver stain  
 On the gravel, and the thrift  
 Of the borders.  
 Just a plate of current fashion,  
 Tripping by in high-heeled, ribboned shoes.  
 Not a softness anywhere about me,  
 Only whale-bone and brocade.  
 And I sink on a seat in the shade  
 Of a lime-tree. For my passion

<sup>104</sup> SCHLESINGER JR, Arthur M.. Not right, Not Left, But a Vital Center: The Hope of the Future in the Widening and Deepening of The Democratic Middle Ground. *New York Times Magazine*, Sunday, April 4, 1948 (sec. 6). In: [www.writing.upenn.edu/~afilreis/50s/schlesinger-notrightleft.html](http://www.writing.upenn.edu/~afilreis/50s/schlesinger-notrightleft.html), acesso em 10/08/2006

Wars against the stiff brocade.  
 The daffodils and squills  
 Flutter in the breeze  
 As they please.  
 And I weep;  
 For the lime-tree is in blossom  
 And one small flower has dropped upon my bosom.

And the plashing of waterdrops  
 In the marble fountain  
 Comes down the garden-paths.  
 The dripping never stops.  
 Underneath my stiffened gown  
 Is the softness of a woman bathing in a marble basin,  
 A basin in the midst of hedges grown  
 So thick, she cannot see her lover hiding.  
 But she guesses he is near,  
 And the sliding of the water  
 Seems the stroking of a dear  
 Hand upon her.  
 What is Summer in a fine brocaded gown!  
 I should like to see it lying in a heap upon the ground.  
 All the pink and silver crumpled upon the ground.

I would be the pink and silver as I ran along the paths,  
 And he would stumble after,  
 Bewildered by my laughter.  
 I should see the sun flashing from his sword-hilt and the buckles on his shoes.  
 I would choose  
 To lead him in a maze along the patterned paths,  
 A bright and laughing maze for my heavy-booted lover,  
 Till he caught me in the shade,  
 And the buttons of his waistcoat bruised my body as he clasped me,  
 Aching, melting, unafraid.  
 With the shadows of the leaves and the sundrops,  
 And the plopping of the waterdrops,  
 All about us in the open afternoon -  
 I am very like to swoon  
 With the weight of this brocade,  
 For the sun sifts through the shade.

Underneath the fallen blossom  
 In my bosom,  
 Is a letter I have hid.  
 It was brought to me this morning by a rider from the Duke.  
 "Madam, we regret to inform you that Lord Hartwell  
 Died in action Thursday se'nnight."

As I read it in the white, morning sunlight,  
 The letters squirmed like snakes.  
 "Any answer, Madam?" said my footman.  
 "No," I told him.  
 "See that the messenger takes some refreshment.  
 No, no answer."  
 And I walked into the garden,  
 Up and down the patterned paths,  
 In my stiff, correct brocade.  
 The blue and yellow flowers stood up proudly in the sun,  
 Each one.  
 I stood upright too,  
 Held rigid to the pattern  
 By the stiffness of my gown.  
 Up and down I walked,  
 Up and down.

In a month he would have been my husband.  
 In a month, here, underneath this lime,  
 We would have broke the pattern;  
 He for me, and I for him,  
 He as Colonel, I as Lady,  
 On this shady seat.  
 He had a whim  
 That sunlight carried blessing.  
 And I answered, "It shall be as you have said."  
 Now he is dead.

In Summer and in Winter I shall walk  
 Up and down  
 The patterned garden-paths  
 In my stiff, brocaded gown.  
 The squills and daffodils  
 Will give place to pillared roses, and to asters, and to snow.  
 I shall go  
 Up and down,  
 In my gown.  
 Gorgeously arrayed,  
 Boned and stayed.  
 And the softness of my body will be guarded from embrace  
 By each button, hook, and lace.  
 For the man who should loose me is dead,  
 Fighting with the Duke in Flanders,  
 In a pattern called a war.  
 Christ! What are patterns for?